

PESQUISA E ENSINO EM GEOGRAFIA: A LINGUAGEM IMAGÉTICA PARA UMA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA COM SENTIDO.

Profª. Drª Rejane Cristina de Araujo Rodrigues¹
Profº. Mestre Fabio Tadeu M. Santana²

Resumo

O artigo apresentado reúne alguns dos primeiros e mais significativos resultados alcançados nos últimos dois anos de trabalho deste grupo a frente do projeto “*A Produção Audiovisual no Ensino Básico: a Linguagem Imagética como Recurso para a Educação Geográfica*”, o qual se constitui como uma linha de investigação integrante do Grupo de Pesquisa em Educação Geográfica (GPEG).

O projeto tem como objetivo principal analisar as possibilidades de uso da linguagem imagética como um meio para a construção do conhecimento espacial, ou seja, o uso de imagens como recurso didático para expressar conhecimentos, aliado à prática educativa da Geografia. A imagem é uma fonte de conhecimentos (SILVEIRA, 1996), é uma cristalização sensorial (MOLES, 1999) que cumpre, portanto, importante papel na transmissão de informações, na didática e em toda a atividade socialmente constituída.

O projeto se desdobra em duas linhas de trabalho a saber: análise e produção de material didático integrado às atividades da geografia e de outras disciplinas no ensino básico a partir de filmes e documentários; produção de material didático a partir das elaborações dos docentes envolvidos com atividades curriculares da disciplina geografia em séries específicas.

Em nosso projeto, a produção audiovisual será analisada de forma a permitir a construção de uma proposta metodológica que articule as diferentes etapas da aprendizagem,

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ e Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/PUC-Rio, Brasil. E-mail: rcarodrigues@gmail.com

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ, Brasil. Graduando em geografia Leopoldo Erthal .(Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/PUC-Rio, Brasil.

explorando sua enorme capacidade de estímulo à memória, a chamada memória imagética, e, principalmente, as possibilidades que oferece como meio de construção do conhecimento, de interpretação crítico-reflexiva da realidade com efeitos sensíveis para a formação de cidadãos ativos e de uma sociedade mais autônoma.

Apresentação

Estruturado como Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, o CAp-UERJ se destaca no campo da formação discente, da formação docente voltada para as licenciaturas e no desenvolvimento de linhas de pesquisa relacionadas aos ensinamentos das diferentes disciplinas escolares.

Favorecidos por esta estrutura, a equipe de geografia do Instituto vem desenvolvendo há alguns anos uma série de pesquisas que têm como eixo condutor a busca permanente por novas e renovadas possibilidades para uma educação geográfica

O artigo apresentado reúne alguns dos primeiros e mais significativos resultados alcançados nos últimos dois anos de trabalho deste grupo a frente do projeto “A Produção Audiovisual no Ensino Básico: a Linguagem Imagética como Recurso para a Educação Geográfica”, o qual se constitui como uma linha de investigação integrante da pesquisa em andamento “O Desenvolvimento de Metodologias para a Educação Geográfica: um exercício de cidadania”³, desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa em Educação Geográfica (GPEG), desde 2005, nas dependências do Laboratório de Ensino de Geografia (LEGEO) do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ). Os pesquisadores do GPEG são professores de Geografia efetivos⁴ do CAp-UERJ alocados no Departamento de Ciências Humanas e Filosofia (DCHF) da UERJ. Esses docentes, em seu trabalho cotidiano, desenvolvem investigações científicas diversas no âmbito educacional e pedagógico, desenvolvendo novos materiais didáticos, estratégias metodológicas para o

³ Projeto de pesquisa agraciado com recurso da FAPERJ (APQ1), no ano de 2005, como comprova o processo APQ1 nº E-26 / 170.728 / 2005.

⁴ O grupo de professores de Geografia efetivos do CAp-UERJ é formado pelos seguintes docentes: Augusto César Pinheiro da Silva (Dr. 2005), Cesar Alvarez Campos de Oliveira (Dr. 2007), Fábio Tadeu Santana (MSc. 2001), Lincoln Silva Tavares (doutorando), Marcos César Carvalho (doutorando), Miguel Tavares Mathias (MSc. 1997) e Ronaldo Duarte Goulart (MSc. 2001).

ensino da Geografia, avaliações formativas e currículos diferenciados, além de participarem freqüentemente de outros projetos institucionais e interinstitucionais.

O GPEG surgiu do desejo dos professores do CAp-UERJ em consolidar suas atividades de ensino através da regularidade da pesquisa acadêmica em torno de questões da educação geográfica, o que vem resultando em experimentações diversas no campo da formação de novos professores e da formação continuada de professores em exercício de regência e gestão escolar. Atualmente são desenvolvidas no GPEG quatro linhas de pesquisa (devidamente registradas na Plataforma de Grupos de Pesquisa do CNPQ) cujos objetivos principais podem ser assim sintetizados:

1. o resgate do instrumental cartográfico como estratégia para a educação geográfica;
2. o desenvolvimento de uma educação ambiental efetivamente curricular;
3. a delimitação de estratégias de autonomização discente através da metodologia de seminários e outros trabalhos coletivos; e
4. a utilização de materiais audiovisuais, existentes e elaborados pelos alunos, para produção de material didático.

O projeto em andamento desde 2008 se constitui como uma linha de investigação do GPEG, apoiada em bases teóricas já consolidadas, que atende às determinações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) em vigor ao valorizar, dentre outros aspectos, o exercício de habilidades sócioeducativas que possam dar significado e transcendência aos conteúdos escolares, com desdobramentos significativos para todo o Ensino básico.

A pesquisa no projeto do GPEG vem sendo coordenada pela professora doutora Rejane Cristina de Araujo Rodrigues, contando desde o segundo semestre com a colaboração do professor mestre Fabio Tadeu de Macedo Santana, os quais possuem relevante experiência profissional no âmbito da educação geográfica, seja como regente em turmas do ensino básico, atuando na formação de professores em disciplinas da graduação oferecidas pelo Insituto, assumindo funções administrativas e de coordenação, participando de congressos, seminários, simpósios e demais encontros nacionais e internacionais, avaliando monografias, dissertações, publicações acadêmicas e didáticas, além de outras atividades na área da Educação Geográfica nesta e noutras instituições, como pode ser comprovado pelos respectivos currículos Lattes.

A Pesquisa em Educação Geográfica

A escolha da linguagem imagética como objeto da pesquisa se apresenta como um tema de extrema importância neste momento em que a formação dos alunos nas escolas básicas se vê diante de um dilema fundamental: os apelos imagéticos da sociedade midiática que são muito mais sedutores para os jovens em idade escolar da nossa sociedade do que os materiais didáticos apresentados a eles nas escolas, obrigando os educadores a pensarem, com urgência, na renovação de seus recursos didáticos como estratégia no processo ensino-aprendizagem.

Nossa preocupação vai além do problema da evasão escolar, que tem sido resolvido de maneira direta ou indireta através de programas como o do “Bolsa-Escola”. Nos preocupa muito mais uma questão que extrapola o aspecto social da falta da renda para aproximar os alunos das aulas: *a da motivação para o conhecimento, em particular aquele difundido nas escolas*, um grave problema que se apresenta de maneira cada vez mais evidente nas redes pública e privada de ensino, nas classes alta, média e baixa. O desinteresse aparece atrelado à desvalorização do saber oferecido nas salas de aula, pelas atividades escolares dos professores, colocando em questão a própria sobrevivência dessa instituição como formadora de crianças e jovens que têm os seus saberes cada vez mais definidos pela mídia de massa, afastando os indivíduos da possibilidade deles serem os seus próprios instrumentos de justiça social através do conhecimento.

Muitas das produções na área de educação dedicam-se a estudos sobre a seleção e adequação de conteúdos programáticos etc. Entretanto, entendemos que não é somente na revisão de conteúdos que encontraremos a solução para as dificuldades vivenciadas no cotidiano das escolas do país. É através da renovação metodológica que poderemos alcançar algumas possibilidades concretas de re-adequação dos “velhos e novos” conteúdos às novas demandas educacionais em uma sociedade em permanente transformação e, assim, dar impulso a uma das principais molas do aprendizado, *a motivação e o interesse dos alunos pela escola*.

Neste campo, o da motivação para o conhecimento, concordamos com diversos autores que destacam o papel essencial da linguagem imagética como expressão de conhecimentos. Nos ensinamentos fundamental e médio, etapa do desenvolvimento cognitivo em

que a linguagem visual tem grande impacto na capacidade de aprendizagem de crianças e jovens, *“a criança vive um universo muito visual, livros, gibis, TV etc. Ela desenha, ela rabisca, ela cria imagens”* (COELHO, 1996).

Entretanto, o uso das imagens como recurso para o conhecimento tem sido negligenciado pela escola tradicional, que se apoiou, sobretudo, nas “questões da definição”. Para Maria Helena Silveira (1996) não somente as crianças, mas, principalmente, os educadores precisam recorrer à linguagem imagética. Para a autora, *“nós temos que nos tornar a formar, porque nós fomos formados em uma escola em que apenas a palavra merecia algum respeito”* .

Os conhecimentos podem de acordo com Paulo Sgarbi (2007) ser expressos em várias linguagens, principalmente a escrita, mas é evidente que cada linguagem atinge diferentemente as pessoas e, portanto, o que está representado por imagens seria uma outra coisa se representado, por exemplo, apenas por um texto. Uma primeira diferenciação pode ser atribuída à necessidade de domínio pelo leitor de um código lingüístico com o qual o texto foi escrito, enquanto as imagens não obrigam o domínio de um código, embora não o proíba.

Muitas vezes, as imagens, por si só, ganham significados, mas a sua articulação com o texto estabelece uma relação um pouco mais específica. Assim, afirma Paulo Sgarbi (2007), podemos ver práticas possíveis através de suas representações imagéticas ou descrições verbais ou, o que parece ainda mais interessante, na articulação entre essas duas linguagens.

“... as articulações entre diferentes linguagens são uma boa alternativa para uma representação mais aprofundada, sem, no entanto, se deixar cair na esparrela de que uma é superior à outra – em que pese a hegemonia histórica da linguagem verbal [oral e escrita]. Quer como ilustração, quer como representação significativa de um conhecimento específico, quer como outra coisa qualquer, a imagem, como as palavras, são criações arbitrárias e, como tal, não são o real, mas apenas um seu discurso.”
(SGARBI, 2007, p.23)

Na prática escolar tradicional, os livros didáticos têm sido o principal, senão o único, suporte didático através do qual é também apresentada para os alunos a linguagem

imagética, limitando a capacidade que esta linguagem tem a oferecer e, principalmente, a possibilidade de desenvolvimento de habilidades mais complexas pelos alunos.

De acordo com Maria Helena Silveira (1996), os livros se prendem ao como, enquanto o estudar a pensar sobre as imagens nos oferece uma base muito clara de trabalho com os alunos no sentido de *“fazê-los observar e apreender pelos olhos”*. A análise ou o confronto entre fontes imagéticas distintas, um filme comercial e um documentário, por exemplo, contribuem para que o aluno se aproxime do conhecimento a partir da comparação, da observação das diferenças e das semelhanças. É somente neste momento que, segundo Maria Helena da Silveira (1996), *“o indivíduo estará aprendendo... de resto ele estará repetindo o que nós dizemos. Isso é função da escola...”* (p.25). Nessa mesma linha de raciocínio, Sgarbi (2007) afirma que

“as imagens, sejam elas desenhadas, fotografadas, filmadas, pintadas... trazem conhecimentos muito relevantes... Qualquer que seja a imagem, ela causa um impacto em quem a vê, maior ou menor, mais superficial ou profundo...” (p.25).

A imagem é uma fonte de conhecimentos (SILVEIRA, 1996), é uma cristalização sensorial (MOLES, 1999) que cumpre, portanto, importante papel na transmissão de informação, na didática e em toda a atividade social.

Além disso, colocam-se os distintos papéis desempenhados pelo Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira: 1) a educação formal de alunos de ensino fundamental e médio; 2) a formação de professores; 3) a organização de projetos de extensão e; 4) a produção de projetos de pesquisa. Destaca-se o CAP-UERJ como um ambiente privilegiado para a produção e difusão de novas propostas metodológicas, que devem estar voltadas para uma educação geográfica corroborada socialmente e atualizada frente à legislação em vigor. Tal qualificação do CAP-UERJ pode ser comprovada frente aos objetivos mais gerais do instituto no campo da experimentação e difusão de estratégias metodológicas de formação profissional de futuros professores, na re-qualificação (formação continuada) de profissionais em atuação e na disponibilização do conhecimento acadêmico como fonte para novas pesquisas a serem incorporadas ao processo educacional no país.

A Produção Audiovisual no Ensino Básico

O projeto A Produção Audiovisual no Ensino Básico: a Linguagem Imagética como Recurso para a Educação Geográfica tem como objetivo principal analisar as possibilidades de uso da linguagem imagética como um meio para a construção do conhecimento espacial, ou seja, *o uso de imagens como recurso didático para expressar conhecimentos, aliado à prática educativa da Geografia*. Não se trata, portanto, de uma análise da imagem em si, naquilo que a imagem por si só traz de informação, mas da utilização de seu poder na transmissão, análise, produção e fixação de conhecimentos diversos. De acordo com Viviane Fachin (2002), trata-se de pôr em prática uma “telepedagogia” que alie o mundo da visualidade ao processo educativo, processo que não prescinde, contudo, do papel essencial do professor⁵.

Partimos, no desenvolvimento do projeto, do pressuposto de que a escola deve adotar uma metodologia de trabalho que possibilite a utilização dos recursos audiovisuais não apenas como um instrumento didático sem vínculos com os currículos em vigor, mas como uma prática disciplinar que destaque o papel do professor enquanto mediador dos recursos audiovisuais na sensibilização dos alunos.

Do objetivo mais geral decorrem outros objetivos específicos. A saber:

1. a capacitação do aluno para compreender e interpretar as informações difundidas pela produção audiovisual nacional e internacional, contribuindo para a sua formação como cidadão crítico-reflexivo e atuante;
2. o desenvolvimento de uma estrutura de pesquisa sobre o uso da linguagem imagética na educação geográfica, bem como no ambiente educativo de forma mais geral;
3. a organização e disponibilização de materiais acadêmicos sobre novas estratégias e metodologias de ação no âmbito dos estudos e do ensino da Geografia que possa contribuir para a formação continuada de professores;

⁵ Em sua pesquisa sobre as possibilidades de formação do conhecimento através da utilização de filmes e imagens na prática educacional, Viviane Fachin (2002) apontava importantes diferenças na aprendizagem / fixação de conteúdos e no comportamento de alunos divididos em dois grupos: grupo de controle sem intermediação do professor grupo de pesquisa com intermediação do professor. Embora em ambos os grupos tenha havido acréscimo de conhecimentos e mudança de postura frente aos assuntos estudados, o autor afirma que, ao término da análise dos dados, houve maior e mais expressiva conscientização pelo grupo em que as aulas teóricas e imagéticas foram intermediadas pelo professor.

4. a construção de materiais didáticos e paradidáticos apoiada no uso estruturado da linguagem imagética; e
5. a oferta de contribuições experimentais às teorias que tratam do uso da linguagem imagética no processo ensino-aprendizagem.

Para este fim, propomos a análise de mensagens visuais mais complexas, como filmes e documentários, em que aparecem combinadas imagens sonoras, imagens fotográficas, imagens esquematizadas dentre outras. Através dessa combinação, acreditamos poder oferecer aos alunos do ensino básico um novo olhar sobre as imagens e o desenvolvimento de estratégias de reflexão e entendimento que possam promover, de fato, uma educação geográfica.

Cabe destacar que os resultados mais imediatos no que diz respeito à produção de material didático, a partir da análise e interpretação do material audiovisual em questão, estão entrelaçados aos objetivos mais gerais do grupo de pesquisa: a) a formação continuada para professores do ensino básico, das redes pública e particular; b) a integração a proposta dos cursos de formação de professores de Geografia; c) a integração entre ensino e pesquisa em ensino de Geografia no CAP-UERJ; e d) a transformação das metodologias de ensino de Geografia atualmente em vigor por um projeto em educação geográfica mais amplo e consistente.

Para o desenvolvimento da proposta apresentada utilizamos, nesta primeira etapa da pesquisa, a produção audiovisual como o objeto de investigação e base para a produção de novas metodologias para a educação geográfica, que se constituirão em expressiva contribuição para o desenvolvimento da capacidade de leitura e compreensão dos processos que se desenrolam, historicamente, no espaço geográfico.

Dentre as várias formas de representação das imagens (desenhos, gravuras, pinturas, charges, gráficos, fotografias etc), tomamos como o objeto preferencial desta pesquisa filmes e documentários produzidos no país ou no exterior, a partir dos quais pretendemos avaliar educacional, conceitual e pedagogicamente as possíveis contribuições desse instrumental para a o processo ensino-aprendizagem de alunos do ensino básico e dos futuros profissionais de sala de aula. Não resta dúvida de que a escolha por esta forma de representação de imagens não é neutra, trata-se de uma opção pedagógica que tem como

fundamentação o caráter mais versátil e desafiador deste recurso tanto para alunos quanto para professores.

“Com seus movimentos, enquadramentos, ampliações e aproximações, a câmara captura o real em diálogo com a imaginação. Entretanto, a câmara, nada mais é do que um instrumento que nos permite mostrar para os outros, de forma ampliada, coisas que, de certo modo, temos a capacidade de ver a revelia do seu uso propriamente. Mas para que isto aconteça é necessário cultivar experiências que fazem do olhar um diálogo permanente com a imaginação. É preciso não ter medo de experimentar o mundo para além dos enquadramentos impostos por uma cultura massificada que normalmente limita os modos de ver. Ousar enxergar novas formas nos objetos convencionais...”. (SOUZA, 2007)

Material de uso do cotidiano de diversos professores, as produções audiovisuais têm sido, entretanto, comumente tomadas como elemento sensibilizador do processo de aprendizagem, sendo utilizadas como ponto de partida ou momento final ilustrativo de um conteúdo de trabalho. Em nosso projeto, a produção audiovisual será analisada de forma a permitir a construção de uma proposta metodológica que articule as diferentes etapas da aprendizagem, explorando sua enorme capacidade de estímulo à memória, a chamada memória imagética, e, principalmente, as possibilidades que oferece como meio de conhecimento, de interpretação crítico-reflexiva da realidade com efeitos sensíveis para a formação de cidadãos ativos e a construção de uma sociedade mais autônoma. Solange Souza (2007: p.44) destaca:

“... mesmo que o cinema não possa por si só transformar o mundo, ainda assim podemos apostar no cinema como um modo de narrar nossas histórias, transformando-as em revelações que nos permitem uma tomada de consciência da necessidade de agirmos com responsabilidade.”

O projeto apresentado se desdobra em duas linhas de trabalho as quais visam a produção de material didático apoiado na utilização da linguagem imagética.

Numa primeira linha, filmes e documentários servem de base à análise e produção de material didático integrado às atividades da geografia e de outras disciplinas no ensino básico. A atividade segue as seguintes etapas:

1. indicação de filmes e documentários pelos professores de geografia do CAp, estagiários das Práticas de Ensino em Geografia e alunos do ensino básico;
2. levantamento das sinopses dos filmes e seleção dos filmes indicados;
3. catalogação dos filmes selecionados, conforme ficha apresentada no anexo 1;
4. seleção de filmes para análise;
5. análise e roteirização do filme;
6. indicação de uso do filme;
7. proposição de atividades articuladas aos conteúdos do filme.

Os itens 5, 6 e 7 resultam na organização de um material, indicado no anexo 2, o qual se constituirá em base para uma publicação didática destinada a apoiar a atividade de ensino em geografia e em outras disciplinas afins.

Na outra linha, o material didático é produzido a partir das elaborações dos docentes envolvidos com atividades curriculares da disciplina geografia em séries específicas, segundo as etapas indicadas:

1. organização de projeto didático sobre tema articulado à proposta curricular da série;
2. pesquisa discente, orientada pelo professor e estagiários, sobre o tema selecionado (migrações internacionais, em 2008 e 2009, com as turmas de 9^a ano do Ensino Fundamental, e transformações urbanas, em 2010, com as turmas de 2^o ano do Ensino Médio);
3. apresentação dos primeiros resultados sobre a pesquisa em seminários durante as aulas de geografia;
4. organização de questionários para entrevista de imigrantes, filmada pelos alunos;
5. análise e edição, com auxílio de bolsistas de ICJr, da entrevista realizada pelos discentes;
6. apresentação dos vídeos e debates no Seminário Interno, organizado pelos professores de geografia da série;
7. organização de vídeo didático a partir da seleção e edição dos vídeos produzidos pelos discentes.

Atualmente, o projeto conta com um vídeo, em fase de finalização, sobre o tema Imigrantes no Brasil, apoiado no material discente produzido em 2008, sendo complementado pelo material discente organizado em 2009. Parte deste material foi apresentado no UERJ sem Muros 2009, no Encontro de Geógrafos da América Latina (Montevideo, 2009) e em palestra para alunos de Estágio em Geografia da PUC-Rio (com a participação dos bolsistas de iniciação científica junior, ICJr⁶).

Na organização deste material, além dos professores e dos bolsistas de ICJr, participa, como voluntário, um graduando em geografia pela PUC-Rio, o qual participou da elaboração deste artigo.

Outro projeto já vem sendo desenvolvido com as turmas de 2º ano do Ensino Médio, tendo como tema A cidade em (trans)formação. A primeira etapa do projeto, com pesquisa e atividade de campo no bairro do colégio, o Rio Comprido, o qual terá continuidade e será ampliado no próximo semestre, 2010-2.

O material audiovisual produzido deve ser disponibilizado em CDs a serem distribuídos em colégios da rede pública do Rio de Janeiro e no site do grupo de pesquisa o qual deverá estar organizado em 2011.

No que diz respeito à análise e roteirização de filmes e documentários o projeto conta atualmente com doze filmes finalizados e outros sete em estágio de finalização. A roteirização envolve a construção de uma ficha onde estão indicados dados gerais dos filmes, temas e conceitos da geografia direta ou indiretamente articulados ao filme, possibilidades de interdisciplinaridade, links e outros filmes que tratam do tema. A seguir, é apresentado um roteiro de observação, ou melhor, um guia de observação didática do filme considerado aqui sob a perspectiva de um material didático a partir do qual se articulam informações e conhecimentos sobre temas tratados no filme. Por fim, são propostas atividades que avaliem o grau de apreensão dos conteúdos e conceitos trabalhados a partir do filme.

O material didático produzido pelo projeto destina-se a servir de suporte ao trabalho do professor, orientando o olhar dos alunos, consideradas as possibilidades didáticas que podem ser encontradas em materiais audiovisuais dos mais diversos. Esta é, no nosso

⁶ Esta modalidade de bolsa é concedida a alunos do Ensino Médio, distinguindo-se da Iniciação Científica que é destinada a alunos de cursos de graduação.

entender, a principal contribuição da pesquisa desenvolvida, qual seja a produção de novas metodologías para produção de material didático que considere a motivação do aluno diante do universo do conhecimento tomando como meta uma educação geográfica efetiva.

Considerações Finais

Integrados às metas mais gerais da equipe do GPEG, os resultados da pesquisa sobre linguagem imagética serão colocados em discussão em seminários regulares que são realizados bi-anualmente pela equipe. Chamados de “Propósitos e Conceitos da Geografia no Ensino Fundamental/Médio”, as resultantes das discussões sobre o tema nesses seminários serão disponibilizadas em um sítio do grupo de pesquisas na internet, ainda em processo inicial de elaboração. Soma-se à importância já atribuída ao projeto, as possibilidades de uso do material produzido pelos professores das redes pública e privada e por pesquisadores da área de educação, em todo o Brasil, o que poderá produzir a troca de experiências entre profissionais ligados ao ensino da Geografia, a sua pesquisa pedagógica e em áreas afins.

A partir dos resultados obtidos nesta primeira etapa do projeto, pretendemos ainda, em momento futuro, analisar as imensas possibilidades abertas, no campo da interdisciplinaridade, com a elaboração de estratégias de ensino-aprendizagem apoiadas no uso da linguagem imagética como recurso didático-pedagógico. Somadas a essa possibilidade, ainda devem ser consideradas a título de investigações associadas ao projeto, as possíveis e desejáveis participações diretas dos alunos na produção e sistematização do conhecimento pela produção de seu próprio material audiovisual, ou seja, a produção pelos discentes de um material de uso educativo para eles próprios e sua comunidade. Nesse sentido, as investigações futuras devem redimensionar o papel do professor como o único produtor de materiais didáticos audiovisuais, assim como promover, via internet, a divulgação das produções discentes como fontes de estudos diversos e para uma gama cada vez maior de alunos e profissionais de ensino.

Acreditamos, desse modo, poder contribuir para um processo mais eficaz de ensino-aprendizagem que pode resultar em um definitivo distanciamento entre a escola do fazer e a escola do falar. Para Maria Helena Silveira (1996), “*o aluno que produz uma imagem sobre*

um texto lido... produz uma síntese intelectual que lhe dá uma segurança de conhecimento que normalmente não teria”.

Referências bibliográficas

ALVES, Nilda (2004) Nossa lembrança da escola tecidas em imagens. In CIAVATTA Maria & ALVES, Nilda (org.) A LEITURA DE IMAGENS NA PESQUISA SOCIAL - HISTÓRIA, COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO. São Paulo: Editora Cortez, pp.127-136.

BORDENAVE, J.D. & PEREIRA, A.M. (1986) ESTRATÉGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM.

COELHO Paulo de Tarso (1996) A IMAGEM NA EDUCAÇÃO. Entrevista para o programa “Salto para o Futuro” de 21/05/1996. Disponível em http://penta3.ufrgs.br/videos/imagem_educacao/index1.html

COSTA, Cristina. (2005) Educação, Imagens e Mídias. São Paulo: Editora Cortez. Aprender e Ensinar com textos, vol.12.

FACHIN, Viviane Scalon (2002) A EDUCAÇÃO, A IMAGEM E A PARTICIPAÇÃO DOCENTE. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós -Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, SP.

FISCHMAN, Gustavo E. (2004) Reflexões sobre imagens, cultura visual e pesquisa educacional. In CIAVATTA, Maria & ALVES, Nilda (org.) A LEITURA DE IMAGENS NA PESQUISA SOCIAL - HISTÓRIA, COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO. São Paulo: Editora Cortez, pp.109-126.

HERNÁNDEZ, Fernando (2000) CULTURA VISUAL, MUDANÇA EDUCATIVA E PROJETO DE TRABALHO. Porto Alegre: Editora Artmed.

JOLY, Martine (1996) INTRODUÇÃO À ANÁLISE DA IMAGEM. Campinas: Editora Papyrus, 5ª edição.

LACOSTE, Yves & KAYSER, Bernard. (1985) In SELEÇÃO DE TEXTOS: TEORIA E MÉTODO. n°.11, São Paulo, AGB.

MOLES, Abraham A. (1999) LA IMAGEN: COMUNICACIÓN FUNCIONAL. México, Editora Trillas / Sigma, 2ª edição.

MORIN, Edgard (2000) CIÊNCIA COM CONSCIÊNCIA. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil.

PONTUSCHKA, N.N. & OLIVEIRA, A.U. (2002) GEOGRAFIA EM PERSPECTIVA. São Paulo: Ed.Contexto.

SANTOS, Milton (1985) ESPAÇO E MÉTODO. São Paulo: Ed. Nobel.

SGARBI, Paulo. Ver através das imagens [e textos] práticas escolares possíveis. In EDUCAÇÃO E IMAGEM. Jornal Eletrônico, ano 1, n°.1, mai-jun/2007.

SILVEIRA Maria Helena da. A IMAGEM NA EDUCAÇÃO. Entrevista para o programa “Salto para o Futuro” de 21/05/1996. Disponível em http://penta3.ufrgs.br/videos/imagem_educacao/index1.html

SOUZA, Solange Jobim E. A melancia, o cinema e as crianças. In EDUCAÇÃO E IMAGEM. Jornal eletrônico, ano 1, n°.3, ago-set/2007.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LOPES, José de Sousa Miguel (orgs.) (2003) A ESCOLA VAI AO CINEMA. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2ª edição.

ANEXO 1

FICHA CATALOGRÁFICA DOS FILMES

FILME:		Nº. _____
Direção:		
Duração:		
Ano:		
País:		
Sinopse:		
Conteúdos:		

ANEXO 2

FICHA DIDÁTICA		Material para o professor
FILME:		Nº. _____
Direção:		
Duração:		
Ano:		
País:		
Sinopse:		
Conteúdos:		

O FILME COMO RECURSO DIDÁTICO

Temas da Geografia	▪
Proposta de atividades	▪
Interdisciplinaridade	▪
Serie indicada	▪

Material para o aluno
Roteiro de Observação do Filme

Material para o aluno
Atividade